

O não-lugar do negro na história de Joinville: um olhar sobre as páginas do jornal A Notícia

The absence of black people in Joinville's history: a look at the pages of A Notícia's newspaper

Juliane Guerreiro

Resumo: Este estudo busca compreender de que forma o Jornal A Notícia, mais antigo veículo de comunicação em circulação em Joinville, aborda a participação da população negra na história da cidade. Para tanto, faz-se uma análise quantitativa de reportagens publicadas de 1951 a 2019 para identificar em quantas delas este assunto é tratado e de que forma. Ao fim, tem-se uma reflexão sobre identidade, diferença e os reflexos de uma história única.

Palavras-chave: História de Joinville, População Negra, Identidade.

Abstract: The present study tries to understand the way that A Noticia's, the oldest newspaper in Joinville, addresses the participation of the black population in the city's history. For this, the article makes a quantitative analysis of reports registered between 1951 and 2019. The goal is identify how they are treated and why. At the end, a reflection on identity, difference and reflections of a unique story was made.

Keywords: Joinville History, Black People, Identity.

INTRODUÇÃO

Não é preciso mais do que um rápido passeio pelo centro de Joinville para notar quem são considerados os protagonistas da história da cidade. Em frente ao prédio da Prefeitura e às margens do rio Cachoeira, destaca-se o monumento A Barca Colon, que relembra a chegada dos 118 imigrantes suíços, noruegueses e alemães que desembarcaram na Colônia Dona Francisca em 1851 — mais precisamente em São Francisco do Sul e não no rio que corta o Centro de Joinville, como a estrutura pode sugerir.

A poucos metros dali, na Praça da Bandeira, os imigrantes germânicos são novamente homenageados, desta vez com o Monumento ao Imigrante, erguido em 1951, como parte das comemorações pelo centenário da cidade. O Cemitério do Imigrante, o Obelisco e o Museu Nacional da Imigração e Colonização¹ também destacam a jornada daqueles que deixaram a Europa enganados pela promessa de uma vida melhor no Brasil.

Além deles, a Praça dos Suíços e o monumento de mesmo nome homenageiam especificamente esse grupo e foram construídos, de acordo com o jornal A Notícia, “para mostrar que **não somente os alemães** conquistaram estas terras” (grifo nosso)².

O fato é que a história oficial de Joinville coloca os imigrantes germânicos como os principais responsáveis pela construção e pelo desenvolvimento da cidade³. Até mesmo o aniversário do município é comemorado no dia 9 de março — data em que o primeiro grupo de imigrantes trazidos pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo chegou ao território joinvilense na então Colônia Dona Francisca — e não no dia 15 de março, quando Joinville foi desmembrada de São Francisco do Sul e passou a ser uma cidade, em 1866.

Trata-se de uma narrativa que engrandece o pioneirismo e a coragem dos imigrantes que aqui chegaram na década de 1850 e que não está presente apenas nos aparelhos culturais da cidade, mas também nas salas de aula⁴, nas obras daqueles tidos como os principais autores de Joinville a tratar sobre o tema e na imprensa, foco deste trabalho.

¹ Ver também O Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville: etnização e exclusão - o caso da erva-mate, de Elaine Cristina Machado e André Rosa da Costa Corrêa.

² “Um presente à história”. Disponível em <http://wp.clicrbs.com.br/aniversariojoinville/2012/02/20/um-presente-a-historia/?topo=84,2,18,,84&status=encerrado>.

³ Joinville Cidade em Dados 2018. Disponível em <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/Joinville-Cidade-em-Dados-2018-Character%C3%ADsticas-Gerais.pdf>

⁴ “Crianças contam a história de Joinville em HQ”. Disponível em <http://wp.clicrbs.com.br/joinville160/2011/03/08/criancas-contam-a-historia-de-joinville-em-hq/>

A questão é que, dessa forma, essa narrativa acaba por invisibilizar a participação de outros grupos na história da colonização de Joinville, como os luso-brasileiros, os indígenas e os negros, que aqui eram escravizados à época. Isso pode interferir nas noções de identidade e representatividade dos cidadãos que vivem na cidade e, por consequência, também impactar as relações de poder vivenciadas neste local.

Diante do exposto, o que se busca com este estudo é avaliar de que forma o jornal A Notícia, o veículo de comunicação mais antigo em circulação em Joinville, retrata a história da cidade, quem são os protagonistas dessa trajetória segundo as páginas de suas edições desde 1951, ano em que o município completou seu centenário, e se os negros que aqui viviam são retratados como participantes dessa história.

A escolha em refletir de forma específica sobre o registro da participação da população negra na história de Joinville se faz de maneira consciente de que a análise sobre o registro da participação dos outros grupos invisibilizados, como os luso-brasileiros e os indígenas, também deve ser realizada. A escolha considera, no entanto, que a produção social da identidade e da diferença tem relação estreita com o racismo estrutural, que prejudica de maneira grave e específica a população negra.

Depois, espera-se fazer uma breve reflexão sobre o papel do jornalismo e as percepções de identidade e diferença que podem surgir a partir de narrativas como a que conta a história oficial da cidade.

“HISTÓRIA OFICIAL” QUE SELECIONA PROTAGONISTAS

“No princípio era apenas o mato. Mato, mangue e mosquito. A paisagem desoladora. Um vasto silêncio de mata selvagem”. É assim que o historiador Apolinário Ternes começa o primeiro capítulo de seu livro *História Econômica de Joinville*, escrito em 1986. “O empreendimento colonizador às margens do

Rio Cachoeira, nas terras dotais da Princesa Dona Francisca, a partir de maio de 1850 - quando aqui chegaram os primeiros dez imigrantes - era, de fato, um desafio e uma aventura” (TERNES, 1986, p. 13).

Apesar de pequeno, esse trecho da obra de Ternes resume a narrativa que retrata os primeiros dias dos imigrantes germânicos ao chegarem a então Colônia Dona Francisca, contada não só por ele, mas também por outros importantes escritores da história de Joinville, como Carlos Ficker e Elly Herkenhoff.

Ficker foi um dos primeiros a se debruçar sobre o assunto e lançou *História de Joinville: subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca*, a primeira obra sobre o tema, produzida para um concurso cultural promovido pela empresa Tupy. Publicado em 1965, o livro ainda é referência para os estudos da história da cidade.

Como outros autores, Ficker usa termos como “força de vontade” e “empenho” para relatar a ação dos pioneiros germânicos ao chegarem a uma terra pouco habitada. Porém, vale destacar que esse autor deixa explícito brevemente que outros grupos já viviam no local: “Não é exato, pois, afirmar-se que em 1851 as grandes zonas destinadas à colonização europeia, seriam ínvio e desconhecido sertão. Eram, ao contrário, bastante habitadas as cercanias” (FICKER, 1965, p. 32).

Em outros trechos, o autor revela que “empreitaram-se brasileiros, moradores da redondeza, que ofereceram seus serviços” (FICKER, 1965, p. 61) e que “os trabalhadores brasileiros, que prestaram serviços insuperáveis no desmatamento das florestas, roçando e queimando os terrenos dos colonos inexperientes” (FICKER, 1965, p. 98). Apesar disso, em toda a obra, o progresso advindo com a colonização nunca é atribuído também a esses agentes, mas somente aos imigrantes germânicos.

O mesmo pode ser visto na obra de Elly Herkenhoff, a principal tradutora das obras alemãs escritas na então Colônia Dona Francisca, que também se dedicou a escrever sobre a história de Joinville. Nos primeiros

parágrafos de *Era uma vez um simples caminho...*, publicado em 1987, ela fala sobre a chegada dos primeiros imigrantes germânicos, dando pistas de que o território já era habitado, embora isso não tenha importância para a versão de pioneirismo germânico:

No princípio havia o Jurapé, que vinha da margem do Rio Cachoeira, adentrando a floresta espessa, intocada quase. (...) Já lhe tinham dado o nome de Jurapé, os moradores das cercanias, que aqui vinham caçar, subindo pelo atalho, até a altura da atual rua Henrique Meyer. (...) Desembarcou aquele grupo de pioneiros exatamente no nascedouro do Caminho de Jurapé, onde então existia um rancho habitado por um francês de nome Frontin, antigo morador da fracassada colônia do Saí. (...) E assim, 10 meses mais tarde, a 9 de março de 1851, a primeira leva de imigrantes veio subindo pela picada Jurapé, então já alargada, para chegar aos ranchos de recepção (HERKENHOFF, 1987, p. 10).

Segundo Alessandra da Mota Mathyas, jornalista e historiadora que se debruçou sobre a historiografia local em sua dissertação de mestrado:

[...] ainda que seu texto seja primoroso, e que de fato faça um trabalho historiográfico ao confrontar fontes, levantar informações inéditas a partir das traduções e formar novas opiniões, não há dúvida de que Herkenhoff foi uma das grandes responsáveis pela visão germanista que se tem de Joinville atualmente. Ela nunca negou a história que conhecera de outras etnias – os lusos, os indígenas, os suíços, os noruegueses, os negros, os franceses. Mas a construção de sua narrativa e os argumentos usados levam sempre às mesmas conclusões: a força dos pioneiros alemães (MATHYAS, 2007, p. 59).

A força e a luta dos pioneiros alemães também são exaltadas nas obras de outro importante historiador de Joinville, Apolinário Ternes, talvez o mais prestigiado entre a elite local e estudado entre todos os que já se dedicaram ao

tema. Em seu livro *Joinville, a construção da cidade*, um trecho resume bem a bravura do imigrante germânico ressaltada por Ternes:

O colonizador de Joinville, pelo menos o que se instalou na primeira década de povoamento foi um bravo. É difícil remontar o quadro de adversidades que teve que enfrentar. Desde as condições inóspitas da terra, às condições psicológicas decorrentes do isolamento na mata. Vencendo o frio e muitas vezes a fome, a hostilidade do clima, a umidade do solo, as doenças tropicais, e a inexistência de uma perspectiva de vida mais segura a curto prazo, a bravura do imigrante certamente induz à compreensão da rápida evolução a médio prazo que o empreendimento colonizador acabou obtendo (TERNES, 1993, p. 36).

Como Herkenhoff, porém, o autor também tinha conhecimento sobre a participação de outras pessoas na colonização do local, como mostra este trecho, em que ele aborda a carta do médico suíço Koestlin endereçada ao senador de Hamburgo Mathias Schroeder falando sobre os preparativos na colônia para a chegada dos imigrantes:

Conta o médico-repórter: ‘o nosso servente negro Diogo, encontrou a maior satisfação no preparo de 190 refeições. Que alma amável e que coração fiel, esse nosso velho Diogo. Incansável como cozinheiro, marceneiro e carpinteiro. Diogo estava sempre disposto a trabalhar. Como antigo escravo de uma senhora de Hamburgo, ele não teve outra preocupação senão voltar à Hamburgo para oferecer novamente os seus serviços aos seus antigos donos (TERNES, 1993, p. 60).

Neste outro trecho, desta vez do livro *História Econômica de Joinville*, Ternes fala sobre como os nativos também participaram da preparação do terreno para a chegada dos imigrantes:

Eduardo Schroeder, o filho do senador Mathias, que estava no Rio de Janeiro, tomou conhecimento da instalação dos primeiros colonos em Santa Catarina, no empreendimento do pai, e resolveu conferir. Chegou no local de desembarque no dia 1º de fevereiro de 1851 e tomou as providências para que o fracasso não fosse total, pois existiam apenas dois barracos rústicos e esparsas plantações de milho e de batata. Contratou os serviços de nativos, empregados das fazendas existentes no Itaum e no Boa Vista e procedeu realmente ao estabelecimento de uma infra-estrutura mínima para o recebimento dos primeiros imigrantes, já em viagem desde os primeiros dias de janeiro” (TERNES, 1986, p. 17).

Neste mesmo trabalho, o autor dedica sete páginas para falar sobre a mão de obra utilizada na colonização de Joinville, porém, não há sequer uma linha que fale nos nativos ou negros escravizados que residiam na Colônia Dona Francisca, exaltando apenas o pioneirismo germânico e toda a força, luta e empenho desses imigrantes.

É bem verdade que as condições que alemães, suíços e noruegueses encontraram quando chegaram à Colônia eram realmente difíceis e que eles vieram ao Brasil enganados pela promessa de uma terra boa para plantar e viver. O que se questiona é por que não dividir a exaltação do progresso da colonização também com os outros grupos que fizeram parte dessa história, como os luso-brasileiros e os negros aqui escravizados, que também ajudaram a tornar essas terras férteis e, posteriormente, foram também protagonistas da evolução da cidade, como com o ciclo da erva-mate, o primeiro impulsionador da economia joinvilense.

O fato é que, além de estar presente na escrita dos principais historiadores que se dedicaram a estudar a história de Joinville, essa história oficial que seleciona protagonistas também está implícita nos aparelhos urbanos, como já vimos, nas escolas e, é claro, é também compartilhada pela imprensa local, como este estudo pretende avaliar.

A PRESENÇA LUSO-BRASILEIRA E NEGRA EM JOINVILLE

Como todos os escritores evidenciaram em suas obras, embora não com o devido destaque, muito antes de os primeiros imigrantes germânicos colocarem os pés na então Colônia Dona Francisca, outras pessoas já viviam por aqui, como indígenas, luso-brasileiros e negros, cuja origem não é identificada nos registros, e que foram escravizados por donos de terras da região.

Documentos não faltam para evidenciar a participação desses grupos na história e no desenvolvimento da cidade. Um exemplo disso é o mapa elaborado em 1846 por Jerônimo Coelho, contratado para demarcar as terras do casal de príncipes detentor da Colônia Dona Francisca. O documento mostra diversas sesmarias, concessões feitas pela corte portuguesa e pelo império do Brasil para quem desejasse cultivar as terras devolutas. Conforme o historiador Dilney Cunha⁵, os pequenos pontos no mapa mostram as construções que havia na região anos antes da chegada dos imigrantes:

Esses pontinhos mudam toda uma percepção que se tinha da ocupação do território de Joinville porque eles indicam essas várias construções onde, certamente, moravam várias famílias luso-brasileiras com escravos. Muitos pontinhos são engenhos, construções com outras finalidades além das moradias, mas, tirando uma média de oito a dez pessoas por família, incluindo também escravos, se tem uma população entre 300 e 500 pessoas, o que é considerável para quem dizia que não havia ninguém aqui, que foram os imigrantes que desbravaram. É um número para se rever esse conceito de terra desocupada (PARALELO JORNALISMO, 2017).

⁵ Disponível em <http://paralelojornalismo.com.br/index.php/2017/03/09/joinville-uma-historia-oficial-que-seleciona-fragmentos/>

Outro registro da presença de outros grupos na Colônia Dona Francisca antes de os imigrantes desembarcarem por essas terras é o relato de Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, imigrante que chegou à colônia também em 1851. Em seu livro *A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil*, ele registra a presença de pessoas que chama de nativos e, inclusive, relata alguns conflitos entre os grupos, demonstrando que a colonização não foi tão harmoniosa:

Já anteriormente, este belo pedaço de terra que conta uns 70 morgos havia sido residência de uma família brasileira, que teria sido massacrada por indígenas há cerca de dezessete anos. Após esses acontecimentos, o terreno não mais havia sido cultivado, e agora apresentava um misto de novas árvores e muita samambaia (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 42).

Além disso, o imigrante também traz um comentário interessante que mostra algo não muito comentado na narrativa de pioneirismo e força germânicos: a contribuição das pessoas que aqui já estavam para a adaptação dos imigrantes e o desenvolvimento da colônia. Sobre as plantações, ele diz que “teria sido vantajosa a permanência de brasileiros na Colônia para se ocuparem de serviços diversos (...) Graças porém, a brasileiros que procediam à derrubada por empreitada, evitou-se de fazer experiência neste setor” (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 62).

Além dos registros que demonstram a presença de indígenas, luso-brasileiros e negros nas terras da colônia ainda antes da chegada dos imigrantes, também há documentos que atestam as relações entre esses grupos no local. Na dissertação *“Plantadores de raiz”: escravidão e compadrio nas freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville – 1845/1888*, Denize Aparecida da Silva faz um resgate histórico das relações entre imigrantes, luso-brasileiros e negros escravizados em São Francisco do Sul e Joinville. Sobre Joinville, a autora afirma:

O compadrio foi o fio condutor para a leitura e análise das estratégias de construção das relações sociais dos escravos neste local. Muito provavelmente as dificuldades para criar e recriar arranjos sociais principalmente fora do cativoiro fossem grandes. Pois durante muito tempo depois da constituição da freguesia e mesmo depois da vila, os dados estatísticos sobre Joinville aparecem apenas com a população de imigrantes como se não existissem outros grupos sociais no lugar (SILVA, 2004, p. 82).

Em seu trabalho, Silva analisa diversos dados, principalmente sobre batismos, e mostra de que forma os negros escravizados utilizaram o compadrio, seja com seus senhores, seja com outros negros, como uma forma de fortalecimento:

As estratégias dos escravos para enfrentar e se afirmar num mundo com muitos mecanismos de opressão, foram os mais diversos. Nas referências sobre as relações sociais dos escravos, uma parte da historiografia chama a atenção para o compadrio, não só como uma dessas estratégias, mas como vínculo de parentesco espiritual/ritual. A prática do compadrio, muito provavelmente significou um meio de ampliação dos laços de proteção e de ajuda mútua, ideia que definiu não só as sociabilidades escravas percebidas e analisadas nesta pesquisa (SILVA, 2004, p. 111).

É claro que há uma dificuldade em encontrar registros que tratam da presença negra na Colônia Dona Francisca. Ao contrário dos imigrantes germânicos, cuja lista de embarque está presente no Arquivo Histórico de Joinville, não há nenhuma lista com nomes, profissões e parentescos dos negros escravizados, uma vez que não vieram ao Brasil por vontade própria.

Salvo em estudos acadêmicos, artigos na Revista da Univille e outros periódicos, a impressão que fica é que os negros não participaram da história local. No

entanto, desde os primeiros livros da historiografia, quando ainda raramente se falava das famílias luso-brasileiras, alguns faziam referência ao trabalho dos escravos. Tal discriminação é sentida hoje e motivo de estudo – mas ainda não de publicação em livro... (MATHYAS, 2007, p. 116)

De todo modo, os estudos citados e outros registros tornam evidente a participação da população negra na colonização da cidade, as relações entre esse e outros grupos na Joinville do passado, além da importância dessa participação para a história local.

A HISTÓRIA DE JOINVILLE NAS PÁGINAS DO JORNAL A NOTÍCIA

A historiografia local, como vimos, tende a reforçar uma história oficial que destaca o pioneirismo germânico na colonização de Joinville. Mas e como a imprensa trata esse mesmo tema? Essa análise é importante pois, normalmente, os veículos de comunicação são muito mais acessíveis e presentes na vida das pessoas do que os livros que tratam do mesmo assunto. Assim, não é difícil imaginar que a versão ou as versões propagadas pela imprensa são aquelas que pairam sobre o imaginário da população.

Para ter um panorama sobre como este tema é tratado pelos veículos de comunicação locais, esta pesquisa se dedica a uma análise das páginas do jornal A Notícia, o jornal mais antigo do município ainda em circulação. Fundado em 1923 por Aurino Soares, o veículo fez parte do Grupo RBS por dez anos (2006 - 2016) e hoje pertence ao grupo NSC. Com 103 anos de história, A Notícia teve versão impressa diária até outubro de 2019, quando passou a ter seu conteúdo concentrado em versão digital no Portal NSC e em uma edição impressa apenas aos fins de semana.

A escolha pela análise deste veículo se deu por três motivos: primeiro porque, por ser o mais antigo jornal ainda em circulação em Joinville, isso

possibilita fazer uma análise histórica de como o veículo trata o tema ao longo de sua trajetória. Em segundo, porque, de acordo com a pesquisa “O que o Joinvilense pensa sobre o jornalismo”⁶, o jornal A Notícia é a segunda principal fonte de notícias dos joinvilenses, atrás apenas da RBS TV (agora NSC). Por fim, porque a maioria das edições impressas do jornal estão disponíveis no Arquivo Histórico de Joinville, o que torna mais fácil fazer a análise de todo o seu conteúdo.

Em relação ao recorte de data, escolheu-se as edições de 9 março desde 1951, ano do centenário da cidade. A decisão leva em conta que é nessa data o aniversário da cidade e que, assim, as chances de haver um conteúdo voltado à história da colonização seriam maiores, o que, de fato, se comprovou durante a pesquisa. A análise foi feita, então, com base nas edições impressas do jornal A Notícia disponíveis no Arquivo Histórico de Joinville. Das 68 edições a serem analisadas conforme o recorte (1951 - 2019), apenas três não constavam no acervo do Arquivo (1953, 1959, 1966) e, dessa forma, não puderam ser avaliadas.

Há, ainda, edições em que não existem matérias sobre o aniversário de Joinville (1952, 1954, 1955 e 1980) e jornais em que as matérias não trouxeram nenhum conteúdo sobre a história da cidade (24 edições). Dessa forma, das 69 edições de 1951 a 2019, 38 puderam ser analisadas em relação ao seu conteúdo sobre a história de Joinville.

Para tanto, fez-se a análise do conteúdo buscando avaliar se a edição traz fatos que narram a história oficial, a do pioneirismo germânico, ou não, isto é, se conta a história de outros grupos participantes da colonização de Joinville. Dessa forma, no decorrer da pesquisa, as matérias foram classificadas em:

⁶ Disponível em: <https://www.fazeraqui.com.br/pesquisa-mostra-o-interesse-dos-joinvilenses-pela-midia-local/>

- **História oficial:** narra a história do pioneirismo germânico exaltando apenas a participação de alemães, suíços e noruegueses na colonização de Joinville;
- **História não-oficial:** valoriza a participação de outros grupos na colonização de Joinville.

Com essa classificação, a Figura 1 - Análise das edições de 9 de março de A Notícia (1951-2019) é o resultado da análise feita sobre as edições de 9 de março do jornal A Notícia entre 1951 e 2019:

Quadro 1 - Análise das edições de 9 de março de A Notícia (1951-2019)

ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE 9 DE MARÇO DE A NOTÍCIA (1951-2019)	
História oficial	37
História não-oficial	1
Edições sem matérias sobre história de Joinville	24
Edições sem matérias sobre Joinville	4
Edições indisponíveis	3

Fonte: elaboração própria a partir de consulta ao Arquivo Histórico de Joinville.

A maioria das matérias, 36 delas, aborda a história oficial da cidade, ou seja, aquela que retrata o pioneirismo germânico. É o caso de matéria publicada em 1951, ano que marca o centenário da cidade, que diz, entre outras coisas: "Deve o joinvilense trazer à memória, a luta e o sacrifício vencidos por nossos antepassados que, aqui plantaram a semente do progresso e a viram germinar, regada com suor de profícuo trabalho" (A NOTÍCIA, 1951, p. 1).

Em 1957, a matéria publicada por A Notícia também destaca o sentimento de orgulho, admiração e agradecimento aos imigrantes germânicos:

Na passagem, hoje, do 106º aniversário de fundação, Joinville prestará homenagens diversas à memória dos valorosos pioneiros que aqui plantaram os primeiros marcos de civilização, lançando os fundamentos da cidade que em pouco mais de um século se projetou como a segunda do Estado, com um nome que tem repercutido por todo o Brasil. As marcas profundas que imprimiram ao nosso sistema de economia e as bases de nossa cultura e mentalidade e as trações dos primeiros colonizadores, explicam as conquistas que têm dado renome à pequena coletividade. Representam uma parte da herança desses veneráveis ancestrais e justificam-se por isso as homenagens com que hoje todos os joinvilenses exaltarão sua memória sempre reverenciada (A NOTÍCIA, 1957, p. 1).

O mesmo ocorre em 1964:

Se os joinvilenses não vão ter amanhã oportunidade de participar de manifestações cívicas de caráter público, nenhum deles deixará, entretanto, de sentir especialmente a expressão desse dia histórico e no espírito de cada cidadão há de materializar-se a memória daquelas famílias que em homérica odisséia abandonaram sua terra natal, transpuseram o oceano e penetraram o sertão para, pelo esforço heróico da colonização, abrir em terras novas o caminho da civilização e do progresso... (A NOTÍCIA, 1964, p. 1).

Já em 1976, embora a história oficial seja narrada novamente, pela primeira vez, tem-se citada a participação de outras pessoas além de alemães, suíços e noruegueses na colonização de Joinville. A matéria *118 emigrantes desembarcam do 'Colon' para fundar Joinville* traz uma abordagem sobre as pessoas que aqui estavam para preparar a colônia para receber os primeiros imigrantes. É claro que não se trata, ainda, de uma abordagem não-oficial, mas é interessante ver como são chamados de pioneiras pessoas pouco citadas nessa narrativa, como profissionais franceses e “o negro Diego: Talvez o nome certo do mesmo era Diogo. Era um negro liberto, que foi contratado por Eduardo Schröder no Rio de Janeiro, para acompanhá-lo para a Colônia em Fundação, na qualidade de cozinheiro...” (A Notícia, 1976, p. 16).

Em 1987, mais uma vez a história oficial é narrada. Dessa vez, porém, a participação de outros grupos é somada a esse relato:

Estas fazendas estavam distribuídas no Bucarein/Itaum, a maior, do coronel Antônio José Vieira que possuía, inclusive, muitos escravos; no Boa Vista, na região onde hoje se localiza o aeroporto e no Iririú e Cubatão. Como se vê, é importante ressaltar, a região estava efetivamente ocupada, não de forma absoluta mas parcialmente. Existia, inclusive, o "Caminho do Jurapé", no traçado das atuais ruas 9 de Março e Otto Boehm. Portanto, o território era conhecido e estes elementos nativos seriam de grande utilidade quando da chegada dos primeiros colonos. Serviriam de guias, tinham a iniciativa para contornar determinados obstáculos naturais que haveriam de se antepor aos colonos (A NOTÍCIA, 1987).

A participação de outros grupos na colonização de Joinville também é citada de forma breve em outras quatro edições: 1998, 1999, 2000 e 2019:

De fato, apesar da chegada dos imigrantes europeus marcar o início da colonização, antes deles aqui aportarem já havia fazendas e sesmarias com produção agrícola e até escravos e o caminho era utilizado. Como exemplos podemos citar nomes como os do coronel Antônio João Vieira, João Cercal e os irmãos Luiz, Vicente e Francisco Dias do Rosário, entre vários outros (A NOTÍCIA, 1998).

Em 2019, o último ano em que o A Notícia teve versão impressa no dia 9 de março e a última edição analisada na pesquisa, o veículo de comunicação publicou um caderno especial intitulado *A Barca Colon*. Como o nome sugere, toda a narrativa aborda o pioneirismo germânico, como é visível já capa do especial: “A primeira leva de imigrantes europeus chegou à Colônia Dona Francisca em 9 de março de 1851. Vieram alemães, suíços e noruegueses. Colonizadores que construíram e transformaram Joinville nestes 168 anos, deixando inúmeros legados” (A NOTÍCIA, 2019, p. 1). Em todo o caderno, que

conta inclusive com entrevistas com descendentes dos chamados pioneiros, há apenas uma menção a outros grupos presentes no local:

Eles também ficaram surpresos com a presença de famílias inteiras de luso-brasileiros e com os índios guaranis e xoclengues. 'São Francisco do Sul era uma vila estabelecida, havia sesmarias e grandes fazendas, com roças de mandioca. Essa ocupação começou com o governo português e, por isso, muitas áreas do Domínio Dona Francisca já tinham habitantes' (A NOTÍCIA, 2019).

Entre todas as edições de A Notícia analisadas, em apenas uma, em 1997, tem-se uma narrativa que se diferencia da história oficial. É bem verdade que outra reportagem da mesma edição retrata a trajetória dos pioneiros, mas, na matéria "Uma colônia povoada por teutos, lusos e negros", o jornal aborda a presença de luso-brasileiros e negros escravizados nas terras da colônia mesmo antes da chegada dos imigrantes germânicos:

Quando os imigrantes alemães chegaram nas terras escolhidas para fundação de Joinville certamente encontraram um lugar selvagem e hostil para os padrões europeus de civilização. Mas a região estava longe de ser despovoada do elemento branco. Os alemães se instalaram na margem direita do rio Cachoeira porque os terrenos da esquerda pertenciam a dezenas de famílias de descendentes de portugueses. A região do morro do Boa Vista era propriedade de Agostinho Cercal e, como atestam os desenhos da época, boa parte dele estava cultivada (A NOTÍCIA, 1997, p. 6).

A matéria também destaca a participação dos negros na colonização de Joinville:

O coronel Vieira vivia no Bucarein desde 1826, com fazendas e muitos escravos. E foram os negros do

coronel quem transportaram até o ponto de recepção, em barcos a remos, os passageiros da barca Colon. Embora por força de lei os imigrantes europeus estivessem proibidos de terem ou empregarem escravos, os negros eram vistos frequentemente na vila a serviço de seus senhores lusos ou ‘emprestados’ aos imigrantes. Inácia, uma escrava, após a libertação entrou no século 20 como requisitada parteira que mesmo idosa sempre tinha nos seios o leite abundante para amamentar os filhos de mães impossibilitadas de fazê-lo. Inácia faleceu na década de 20 respeitada por lusos e teutos. Os lusos, caboclos e negros ensinaram aos imigrantes os segredos da terra, das plantas, dos bichos, das matas, dos rios e das aves (A NOTÍCIA, 1997, p. 6).

Vale destacar, ainda, outra matéria, esta publicada em 2009, que faz uma espécie de crítica à história oficial, embora também a reforce. No texto *Momento desbravador*, o jornal apresenta uma série de monumentos históricos construídos em celebração e homenagem ao pioneirismo germânico ao mesmo tempo em que um entrevistado, o historiador Dilney Cunha, faz uma crítica à imagem idealizada desses imigrantes:

Para Dilney, todas estas obras de arte retratam determinados grupos, como se fossem recortes históricos da cidade e, de certa maneira, ainda não representam um todo. ‘Os projetos ressaltam a imagem do imigrante, mostram somente um grupo de pessoas, não podem ser considerados a história em si’, alerta (A NOTÍCIA, 2009, p. 10).

Estes dois últimos textos são os únicos, em toda a análise feita das edições de 1951 a 2019, que valorizam a presença de outros grupos ou, pelo menos, fazem uma crítica à história oficial narrada em Joinville. No mais, em todas as edições que se dedicaram a contar os fatos sobre a colonização da cidade, o que se lê são narrativas que reforçam essa versão.

OS RISCOS DE UMA HISTÓRIA ÚNICA

Em sua palestra no TED Talk realizada em 2009 e depois transformada no livro *O perigo de uma história única*, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie ressalta que “a história única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26). Mais do que isso, contar uma história, ou mais precisamente uma história única, tem uma relação estreita com o poder:

O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com ‘em segundo lugar’. Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente (ADICHIE, 2019, p. 23).

E em Joinville, será que se a história fosse contada a partir da participação de outros grupos da população, como os negros que aqui moravam antes da chegada dos imigrantes germânicos, o poder estaria nas mãos dessa parcela dos protagonistas da história? Será que os monumentos seriam feitos para homenagear esses grupos e não os germânicos?

O fato é que, como este estudo pretende mostrar, existe tanto em grande parte da historiografia local como por parte da imprensa uma história oficial, ou melhor, uma história única a ser contada: o pioneirismo dos imigrantes germânicos. Mesmo que reconheçam em suas páginas a participação de outros grupos, na maioria das vezes, a força, a bravura e o suor dos “pioneiros” é que ganham destaque. E como mostra Tomaz Tadeu da Silva, a criação de uma identidade e da diferença não é inocente, mas sim tem relação com o poder:

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (‘estes pertencem, aqueles não’); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons’ e ‘maus’; ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’); normalizar (‘nós somos normais; eles são anormais’). A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído (SILVA, 2004, p. 81).

A construção da identidade e a marcação da diferença em Joinville teria, assim, relação estreita com o desenvolvimento dessa história oficial que descreve e exalta alguns protagonistas enquanto minimiza a participação de outros grupos.

No caso das identidades nacionais, é extremamente comum, por exemplo, o apelo a mitos fundadores. As identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedith Anderson chamou de ‘comunidades imaginadas’. Na medida em que não existe nenhuma ‘comunidade natural’ em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam ‘ligar’ pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum ‘sentimento’ de terem qualquer coisa em comum. A língua tem sido um dos elementos centrais desse processo – a história da imposição das nações modernas coincide, em grande parte, com a história da imposição de uma língua nacional única e comum. Juntamente com a língua, é central a construção de símbolos

nacionais: hinos, bandeiras, brasões. Entre esses símbolos, destacam-se os chamados ‘mitos fundadores’. Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura ‘providencial’, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são ‘verdadeiros’ ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia (SILVA, 2004, p. 85).

Embora Silva esteja descrevendo a criação de uma identidade nacional, ficam evidentes as semelhanças com a construção da história oficial de Joinville. Aqui, o momento crucial do passado seria a chegada da barca Colon enquanto as figuras providenciais seriam os imigrantes germânicos. Pouco importa, então, se já havia outros habitantes na então Colônia Dona Francisca: o mito fundador está formado, destinado a criar uma identidade e a marcar uma diferença. O poder, então, está nas mãos de quem se vê representado por essa identidade, enquanto os demais são os “outros”

É evidente que todos aqueles que não fazem parte dos considerados protagonistas da história são “excluídos” dela. É o caso dos luso-brasileiros e dos franceses que aqui já habitavam, por exemplo. Mas em se tratando dos negros, a marcação da diferença é ainda mais prejudicial, pois há de se considerar o racismo estrutural:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo **racismo é regra e não exceção** (grifo do autor) (ALMEIDA, 2018).

Como destaca Silvio Almeida, o racismo está na estrutura da sociedade. Imagine, então, em uma cidade em que a população negra já é considerada a “outra”, “a diferente”. Isso pode trazer diversos reflexos para a vida desse grupo. Um exemplo está na ocupação da cidade: hoje, a maior concentração de moradores negros se dá nas áreas periféricas de Joinville, enquanto a população branca ocupa o centro e as áreas mais abastadas⁷. A história única, nesse caso, quando não coloca o negro como diferente, acaba por invisibilizá-lo, como afirma Felipe Cardoso, integrante do Movimento Negro Maria Laura, de Joinville:

A forma de contar uma história interfere em como a cidade se organiza. Quando você invisibiliza uma pessoa, você tira a voz dela. Aqui se vê a ausência de negros na política, em veículos de imprensa e cargos de liderança em empresas, ao mesmo tempo em que se vê os negros nos bairros periféricos, onde a taxa de desemprego é elevada, assim como a criminalidade. As pessoas perguntam ‘mas você é negro e nasceu em Joinville?’. A ausência da importância histórica faz com que o negro não se veja como protagonista e nem como alguém daqui (PARALELO JORNALISMO, 2017)

Cabe, nesse sentido, uma reflexão sobre o perigo da história oficial de Joinville para a população negra na cidade, sobre o quanto ela impacta esse grupo em aspectos econômicos, políticos e sociais durante toda a vida.

Outrossim, cabe, ainda, uma análise sobre o papel do jornalismo ao reproduzir por diversas vezes essa mesma versão da história do município. Por que, desde 1951, apenas uma parte dos grupos que fizeram parte da colonização do município são representados pelo jornal A Notícia? É de se crer que a história oficial agrade aos proprietários e apoiadores do veículo que, ao longo

⁷ Mais sobre a segregação econômico-racial em Joinville pode ser visto na tese de Doutorado “Quem manda na cidade? Poder e *rent-seeking* urbano em Joinville/SC após o Estatuto da Cidade”, de Charles Henrique Voos (2016).

de décadas, fizeram ou fazem parte da elite local e que se sentem representados pela identidade germânica evocada pelo mito fundador criado por aqui.

Porém, o que se pretende com o jornalismo é que ele seja, se não imparcial, pelo menos objetivo em relação ao seu método. E quanto ao método, o que se espera de textos que versam sobre a história de um lugar é que tentem abordar o máximo de vieses possível, respeitando todos eles a fim de levar a informação mais precisa ao público, o que não tem se visto nas páginas do veículo abordado neste estudo em relação a esse tema.

CONCLUSÃO

Como visto na análise quantitativa a respeito das reportagens veiculadas pelo Jornal A Notícia, fica evidente que o veículo tem dedicado suas páginas a versar sobre a chamada história oficial da Joinville, aquela que retrata e exalta somente a participação dos imigrantes germânicos na colonização da cidade.

É bem verdade que se forem depender apenas dos escritores locais que narraram a construção da história joinvilense até aqui, não há nada muito diferente disso para contar, uma vez que esses escritores, muitos deles aclamados pela elite local, não se propuseram a abordar a participação de outros grupos na colonização joinvilense.

Porém, nos últimos anos, tem crescido, embora não no ritmo que se espera, o número de publicações que tratam sobre a população negra na história da cidade. Assim, não seria difícil, muito menos impossível, encontrar documentos ou mesmo pessoas que possam contribuir sobre o tema para o desenvolvimento de uma boa pauta a respeito do assunto.

Cabe também aos jornalistas e aos historiadores locais analisar os reflexos da chamada história oficial para quem vive em Joinville. Como ela impacta as pessoas representadas por essa identidade germânica construída e

reproduzida há tanto tempo e, principalmente, a que tipo de exclusão e invisibilidade ela condena os demais grupos? A pobreza, como vimos aqui, é um desses reflexos, mas não é o único. Um trabalho ainda mais aprofundado pode ser feito a respeito desse tema por profissionais dessas duas áreas. Esse seria um bom primeiro passo para colocar a população negra, enfim, como protagonista da história joinvilense e, mais do que isso, dividir com ela a merecida representatividade nessa narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.

Crianças contam a história de Joinville em HQ. **A Notícia**, 2011. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/joinville160/2011/03/08/criancas-contam-a-historia-de-joinville-em-hq/>. Acesso em 17 de março de 2019.

FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville, SC: Meyer, 1965

HERKENHOFF, Elly. **Era uma vez um simples caminho**. Joinville, SC: Fundação Cultural, 1987

Joinville: uma “história oficial” que seleciona fragmentos. **Paralelo Jornalismo**, 2017. Disponível em <http://paralelojornalismo.com.br/index.php/2017/03/09/joinville-uma-historia-oficial-que-seleciona-fragmentos/>. Acesso em 17 de março de 2019.

MATHYAS, Alessandra da Mota. **Histórias impressas de Joinville**: estudo da historiografia e da influência da imprensa na escrita da maior cidade de Santa Catarina. Florianópolis, SC: UFSC, 2007.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. **A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil**. (tradução em português do original em alemão, de 1853). Florianópolis: Edufsc; Joinville: FCC, 1992

SILVA, Denize Aparecida da. **“Plantadores de Raiz”**: escravidão e o compadrio nas freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville – 1845/1888. Curitiba, PR: UFPR, 2004

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Um presente à história. **A Notícia**, 2012. Disponível em <http://wp.clicrbs.com.br/aniversariojoinville/2012/02/20/um-presente-a-historia/?topo=84,2,18,,84&status=encerrado>. Acesso em 17 de março de 2019.

TERNES, Apolinário. **História Econômica de Joinville**. Joinville, SC: Meyer, 1986

TERNES, Apolinário. **Joinville, a construção da cidade**. Joinville, SC: Bartira, 1993

VOOS, Charles Henrique. **Quem manda na cidade?** Poder e rent-seeking urbano em Joinville/SC após o Estatuto da Cidade. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2016.

Juliane Guerreiro

Bacharela em Comunicação Social – Jornalismo (IELUSC) e Especialista em Direitos Fundamentais e Políticas Públicas (Faculdade Guilherme Guimbala).
julianeguerreiro@hotmail.com

Recebido em 23 de junho de 2020.

Aceito em 28 de junho de 2020.